

Joseph Ki-Zerbo: um cérebro rebelde!

Introdução: “O sábio e o político”¹

Este título é o de um livro de Max Weber, o pai da sociologia política europeia, no qual ele tenta diferenciar o pesquisador do homem político.

O professor Joseph Ki-Zerbo, falecido a 4 de Dezembro de 2006 em Ouagadougou é um exemplo e um “caso de escola” na matéria. Para mim, ele é antes de mais um intelectual antes de ser um homem político burkinabe. Mal ou bem (isso depende do julgamento subjectivo), ele escolheu livremente ser um líder político, criando e dirigindo o seu partido, o Movimento de Libertação Nacional (MLN) em 1958. A minha análise aqui, recusa-se a seguir e a apreciar (positiva ou negativamente) a acção política do homem político na arena política do Burkina-faso entre 1958 e os anos 2000.

Sendo um militante político com opiniões conhecidas, não servirá absolutamente para nada repisar as minhas divergências ideológicas e políticas com o meu pai e meu mestre em matéria de pesquisa científica. Nas linhas que se seguem, é o historiador-pesquisador e o sábio em que se tornou Joseph Ki-Zerbo que iremos apreciar. A este nível, ele foi tanto no sentido lato como no sentido figurado, “um caso à parte”.

O eterno “recusador”!

Muito poucos comentários da imprensa (escrita, oral e televisiva) que me foram dados a ouvir, ler ou ver insistiram realmente no nome e na palavra “sábio”. A meu ver, é essencial para homenagear o homem de ciência que ele foi e continuará a ser.

Por ter participado na equipa internacional dos pesquisadores reunidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a fim de escrever os (8) oito volumes da *História Geral de África*, e por ter sido o director do volume primeiro, como é que se pode hesitar ao dizer que ele procurou e encontrou, portanto que ele é um sábio?

É uma grande homenagem e um reconhecimento mundial que lhe foi prestado pelos pesquisadores, historiadores e sábios de todo o mundo. Este reconhecimento fez dele um sábio como todos os outros e

Basile L. Guissou
INSS/CNRST,
Ouagadougou, Burkina Faso

o seu país deve estar legitimamente orgulhoso.

O seu percurso intelectual está marcado por esta qualidade (ou defeito?) do eterno “recusador”, que continua a ser uma característica de todos os grandes espíritos, impossíveis de domesticar e de reduzir ao silêncio através de um estatuto social invejável e invejado por todos.

Uma evocação histórica é indispensável para se situar Joseph Ki-Zerbo no seu contexto dos anos 1940/50. Quando se apresentou como candidato livre ao BEPC, ao BAC, ao Bacharelato e em seguida à Agregação em História, este percurso era oficial e praticamente proibido aos “negros indígenas”. Os negros colonizados pela França e que frequentavam a escola primária indígena tinham que, depois da obtenção do Certificado de Estudos Primários Indígenas, inscrever-se nas escolas primárias superiores de Katibougou (actual Mali), Bingerville (actual Costa do Marfim), Saint-Louis e “William Ponty” (Senegal).

O diploma de uma das suas escolas marcava o fim do ciclo da formação pelo saber dado nas colónias. Amadou Hampâté Bâ, jovem “escritor temporário essencialmente precário e revocável” da administração colonial francesa chega em 1922 a Ouagadougou e escreve o seguinte:

Sob o efeito da colonização, a população da África ocidental francesa (AOF) dividiu-se automaticamente em dois grandes grupos, eles próprios subdivididos em seis classes que vieram substituir-se às classes étnicas. O primeiro era o dos cidadãos da República Francesa, o segundo o dos simples sujeitos... O primeiro grupo estava dividido em três classes: os cidadãos franceses puro-sangue, nascidos em França ou europeus naturalizados franceses, os cidadãos franceses das “quatro comunas de pleno exercício” do Senegal (Gorée,

Saint-Louis, Dakar, Rufisque); finalmente os africanos naturalizados cidadãos franceses. Todos gozavam dos mesmos direitos (em princípio) e dependiam dos tribunais franceses. O segundo grupo, o dos sujeitos, incluía por seu turno, três classes: no cimo... os sujeitos franceses do Senegal que gozavam de uma situação privilegiada em relação aos dos outros países... em seguida vinham... os sujeitos franceses “letrados” (quer dizer, escolarizados ou que conheciam o francês) e os sujeitos franceses “iletrados” (unicamente do ponto de vista do francês, escusado será dizer)... Do ponto de vista da divisão “oficial” das classes, eu era um sujeito francês letrado, nascido no Sudão e não no Senegal, portanto, mesmo em baixo da última categoria. Mas segundo a hierarquia indígena, eu era incontestavelmente um branco-negro, o que, como já vimos, valia-nos alguns privilégios, com a reserva de que na época o último dos brancos vinha sempre antes do primeiro dos negro... (Bâ 1996 : 241).

É justamente esta “hierarquia” que Joseph Ki-Zerbo se recusava com a sua teimosia a ultrapassar as barreiras coloniais, à procura “sempre de mais conhecimentos e saber” para consolidar a sua personalidade, a sua identidade cultural e histórica, para “estar consigo e para si”, sem a tutela humilhante dos outros. Ki-Zerbo teve a inteligência, a coragem e a perseverança para contornar todas as barreiras racistas da sua época e avançar. Quis dominar em seu proveito o que Cheikh Hamidou Kane chamava no seu romance *L’aventure ambiguë*: “saber vencer sem ter razão”.

Filho de camponês, catequista católico, conseguiu ter acesso ao templo francês do saber que era a Universidade de Paris (Sorbonne) para ser consagrado professor titular de história. Foi um grande feito, e ele fê-lo com brio!

Já nesta fase, uma “brilhante carreira” estava bem assegurada, mas o “cérebro recusador”, vai antes para o lado que não devia para ser “bem visto” e “bem apreciado”. Ki-Zerbo é em Paris, um militante activo das associações de estudantes afri-

canos em França, que “faziam a política” e denunciavam o sistema colonial.

Amady Aly Dieng (2003), antigo presidente da Federação dos Estudantes da África Negra (FEANF) escreve:

Em Outubro de 1950, a Associação dos Estudantes Guineenses em França foi declarada à prefeitura de polícia de Paris. A 16 de Julho de 1950, os estudantes voltaicos declararam à prefeitura a sua associação com o nome de Associação dos Estudantes do Alto Volta em francas (AEVF) que foi dirigida em 1951 por Joseph Ki-Zerbo, assistido por Pascal Pafadnam, vice-presidente.

Esta associação parece não ter objectivo político; ela constitui simplesmente o lar dos estudantes voltaicos: tem como objectivo a “ajuda moral e material aos seus membros”, precisa um relatório de polícia...

Esse relatório de polícia passa totalmente “ao lado” daquilo que os africanos procuravam na época, criando, a 30 de Dezembro de 1950, em Bordéus, a Federação dos Estudantes da África Negra em França (FEANF). Queriam ser “a boca que grita a miséria dos povos africanos!” e ensinar a se tornar “quadros tecnicamente competentes e politicamente conscientes”.

Era um programa completo de luta política que exigia uma muito longa e difícil preparação, organização e implementação prática, à saída das universidades e escolas superiores francesas.

A FEANF des Joseph Ki-Zerbo, Amadou-Mahtar M'Bow, Abdoulaye Wade et Cheikh Anta Diop, assim como a West-African Student's Union (WASU) dos Olesejumo Obasanjo (antigo presidente da República Federal da Nigéria) e outros, não falharam. Essas duas organizações cumpriram valentemente e com sucesso a sua missão histórica. Elas deram o mínimo de consciência política patriótica africana aos seus militantes. E, ainda a este nível, Joseph Ki-Zerbo iria singularizar-se. O eterno “recusador”, face às revoluções marxistas-leninistas e aos reaccionários que queriam manter a África na comunidade “franco-africana” do general Charles de Gaulle (Presidente do “Império Francês no qual o sol nunca se põe!”), vai escolher o reformismo como linha política. O seu “socialismo africano” não tinha nenhum espaço sociológico, cultural e político para se enraizar nas populações. Era a sua escolha para se

manter equidistante entre a revolução e a reacção. Nem revolucionário, nem reaccionário, o Movimento de Libertação Nacional (MLN) fez a campanha eleitoral do referendo de 28 de Setembro de 1958 apelando a votar Não! Mas foi o Sim que ganhou no Alto Volta (actual Burkina Faso) e em todas as colónias, com a notável excepção da Guiné Conacri, onde o sindicalista Ahmed Sékou Touré e os seus camaradas conseguiram vencer a máquina colonialista, encarregue de impor o voto do Sim. É preciso ler o livro de Pierre Mesmer (1998), *Les Blancs s'en vont* para saber e compreender tudo o que foi feito pela França como as “trapaças das listas eleitorais”, “intimidações verbais e físicas”, “acções terroristas encomendadas” para obter o voto “democrático” do Sim na maioria dos países da ex-África Ocidental Francesa (AOF) da qual ele era o último governador no cargo

O autor deste artigo foi testemunha em Yamoussoukro, (Costa do Marfim), das revelações de Félix Houphouët-Boigny, aquando do 40.º aniversário da criação (a 16 de Outubro de 1946) do *Rassemblement Démocratique Africain* (RDA) em Outubro de 1986. Durante duas (2) horas, Houphouët contou como o ministro do estado do governo francês do presidente Charles de Gaulle em 1957/58 manobrou no Alto Volta para evitar a “destruição programada” do seu partido (o RDA) face ao Movimento Democrático Voltaico (MDV) do capitão francês Michel Dorange e os seus “discípulos políticos locais”, Gérard Kango Ouédraogo e Maurice Yaméogo.

Resumindo, digamos que o jogo estava já preparado antecipadamente. Frédéric Fernand Guirma (1991), cronista e polemista burkinabe relatou muito bem esses episódios da vida política nacional do nosso país, entre 1950 e 1966 no seu livro “como perder o poder? A queda de Maurice Yaméogo”.

Joseph Ki-Zerbo, eterno “recusador” vai conhecer então a sua primeira “derrota política” eleitoralista segundo as palavras de um dos seus fiéis tenentes, Ahmadou Dicko (1992), professor de espanhol, que escreveu um livro, *Journal d'une défaite*. O referendo de 28 de Setembro de 1958 era uma armadilha política na qual não deveria ter caído. De Gaulle não era historicamente à altura de propor a independência. Os vietnamitas tinham-no compreendido muito bem. Lutaram e arrancaram a sua liberdade de armas na mão, contra

De Gaulle e os EUA, durante vinte e cinco (25) anos.

“A tinta do sábio é mais sagrada do que o sangue do mártir”

Os fiéis muçulmanos cultos saberão que esta frase é a do seu profeta que pedia aos seus fiéis para irem o mais longe possível à procura do saber, mesmo que fosse preciso para esta causa abandonar mulheres e filhos!

É a este nível que todo o mérito de Joseph Ki-Zerbo aparece à luz do dia. Entre o saber científico e a política activa, ele soube sempre e privilegiou sempre a ciência e a investigação científica, até aos seus últimos dias. Todos aqueles que leram o seu último livro, *À quand l'Afrique?* (2003), terão compreendido que foi o seu “testamento”. A todas as perguntas que o jornalista lhe colocava, ele tinha uma resposta a dois níveis, o do “político” e o do “sábio”.

O sábio demonstrava, com provas históricas a apoiá-lo (os exemplos do rei do Congo de visita a Portugal ou a sorte das indústrias africanas de fabrico de armas no século XIX), como é que o continente foi “vencido” pela escravatura e pela colonização europeia. O “político” procurava as palavras para explicar os seus esclarecimentos com Thomas Sankara, presidente do Conselho Nacional da Revolução, entre 1983 e 1987.

O antigo secretário-geral do Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CAMES) e o presidente fundador do partido reformista (MLN) tinham uma coabitação difícil no cérebro rebelde do professor Ki-Zerbo. Mas, ele soube procurar e encontrar um “denominador comum mais pequeno” entre os dois, para viver durante 84 anos, com a “cabeça erguida”. É meritório. É preciso reconhecer-lhe isso.

No que diz respeito à sua contribuição para a reabilitação histórica do continente “mãe da humanidade” enquanto pesquisador, historiador e sábio, Joseph Ki-Zerbo acaba de entregar o seu trabalho, a 4 de Dezembro de 2006. Quem vai dar a nota para apreciar a sua herança científica? De qualquer das formas, eu não; porque para dar uma nota é preciso ser o “professor do professor”. Eu não posso ter essa pretensão. Mas posso constatar que ele mereceu o seu lugar no “Panteão” dos homens de saber (sábios) que trabalharam e tiveram sucesso na tarefa de recolocar a história de África e dos africa-

nos nos seus devidos lugares, na História Geral da humanidade.

Todos os que se deram ao trabalho de ler os livros de Joseph Ki-Zerbo estarão de acordo comigo para reconhecer que ele conseguiu reconciliar a África consigo própria, tornando compreensível e explicável “a descida aos infernos” do continente desde a decadência do “Egipto dos faraós”, à escravidão, à conquista colonial que proibiu o saber aos indígenas para impor o monopólio do conhecimento e do saber científico europeu.

A África foi e continua a ser dominada através das “elites fabricadas pela Europa”, convencidas da superioridade científica da Europa, que a enaltecer a “submissão eterna à ordem dos brancos”. Como Cheikh Anta Diop e Amadou-Mahtar M’Bow (antigo director-geral da Unesco), o professor Joseph Ki-Zerbo, continua a ser um “iluminador de consciência” para as gerações presentes e futuras do continente africano. Ele ensina-nos o espírito de luta, de resistência e de procura pelo “saber útil” em proveito dos nossos povos.

Os seus livros como, *L’Histoire générale de l’Afrique, Éduquer ou périr, La Nette des autres e Et demain l’Afrique* são clássicos para a formação das elites intelectuais de hoje e de amanhã. Os liceus e as universidades do Burkina-faso e da África deveriam inseri-los nos programas de ensino. São obras “fundamentais” a ensinar. A confiança em si, a segurança de possuir uma identidade cultural, histórica e científica virá daí e de mais nenhum lado. Seja qual for o ponto a partir do qual as futuras “reelaborações” ou “reformas” dos sistemas educativos serão feitas, não se poderá ignorar a contribuição do eminente “inspector de academia”, director dos serviços do Ministério da Educação Nacional, Senhor Joseph Ki-Zerbo, que assinou o meu diploma de estudos do primeiro ciclo do segundo grau (BEPC) em Ouagadougou, a 19 de Outubro de 1966. E foi a 16 de Outubro de 1979 que eu assumi as funções, na qualidade de “professor titular do doutoramento do 3.º ciclo em letras modernas” (opção Crítica Sociológica), pesquisador no Departamento de Ciências Sociais e Humanas do Centro Voltaico para a Pesquisa Científica.

O professor de linguística, Bakary Coulibaly (um feroz militante do MLN) acabava de recusar aceitar-me como docente na Universidade de Ouagadougou, porque eu era “um elemento comunista,

hostil ao MLN”. Não me queixo. Fez-me um favor ao querer prejudicar-me, como acontece muitas vezes aos que adoram os “ajustes de contas políticas” através das posições de “poderes administrativos”. Antes disso, muitos foram os antigos militantes do UGEV/FEANF dos anos 70/80 que foram maltratados pelos mais velhos “reformistas impenitentes do Movimento de Libertação Nacional” por causa das suas ideias políticas no Alto Volta onde toda a gente se conhecia.

O governo revolucionário de que eu fui membro durante quatro (4) anos (1983-1987) maltratou também Joseph Ki-Zerbo forçando-o ao exílio. De onde ele está agora, ele sabe também que o ministro das relações externas e da cooperação, Basil Laetare Guissou, pediu para se encontrar com ele em Nova Iorque (EUA) nas instalações da ONU em 1986, numa altura em que acabava de perder a sua mãe. Foi Léandre Bassoleth, na época embaixador do Burkina-faso na ONU que me ajudou a conseguir o encontro. Nesse dia eu disse ao professor o seguinte: “Você é um bem nacional e o seu lugar não é em mais nenhum lado senão na sua pátria. Eu comprometo-me pessoalmente, se me der autorização para tal, para que você possa se inclinar diante do tumulo da sua mãe”. O “velho” chorou e eu também chorei.

Conclusão: Adeus ao “Mestre”!

Nós, os aprendizes ainda em actividade nos diferentes sectores e nos diferentes domínios da pesquisa científica, somos obrigados a prosseguir na via que o nosso mestre traçou. Era ele próprio que dizia que “é imbecil quem não faz melhor que o seu pai”. Os pesquisadores burkinabes devem saber enfrentar o desafio que o professor Joseph Ki-Zerbo lhes lança, seguindo o seu exemplo de humildade, de simplicidade e de respeito pelo outro. Com o capital científico que o mestre nos deixa, não podemos ficar sem confiança em nós próprios.

É portanto perfeitamente compreensível que, sem nenhum sentimento de nacionalismo exacerbado, a comunidade científica do Burkina-faso (os historiadores à cabeça) se organize, reflita e encontre as vias e meios através dos quais melhor valorizar, para nós próprios e para as gerações futuras, o “Tesouro” que o nosso “Lavrador nacional” deve ter escondido nos 274 200 quilómetros quadrados do Burkina-faso, e nos seus livros. Parece-me evidente que a acção política diminuiu

enormemente a aura científica de Joseph Ki-Zerbo. Ele foi como foi. Ninguém podia fazer nada contra isso. Era a sua livre escolha. É impossível dissociar o “sábio” e o “político” para prestar homenagem a Joseph Ki-Zerbo. Ele foi as suas coisas ao mesmo tempo.

No seu prefácio do livro do seu camarada *Journal d’une défaite*, Ki-Zerbo diz:

Hoje, ainda mais do que ontem, as mesmas questões continuam a colocar-se à África com uma urgência dramática, pois o peso relativo do continente na relação de forças planetária, deteriora-se. Cinco problemas particularmente pesados de consequências interpelam a energia dos africanos:

- 1º a questão nacional ou identitária, ou ainda, histórico-cultural. Quem somos nós? De onde vimos? Qual deve ser o nosso lugar no mundo? O que temos a dizer e a fazer?
- 2º a questão do quadro ou do espaço básico. Como ordenar o espaço ambiental e económico africano através da divisão inter-africana do trabalho e através da constituição de um pólo mundial de produção e de trocas?
- 3º a questão da via democrática e social. Que Estado e para que sociedade civil? Trata-se de convidar o povo a ocupar o seu trono de soberano. E, se for preciso desalojar do trono o seu usurpador, munir-se das armas da razão, e se necessário for da razão das armas políticas para o fazer;
- 4º para isso, uma revolução copernicana da educação, da formação e da comunicação impõe-se; para colocar também o povo no centro do sistema; para que o poder do saber seja a coisa melhor partilhada do mundo, e não o privilégio dos que exploram a sinergia do poder, do ter e do saber;
- 5º finalmente, é importante não multiplicar quantitativamente os laços com o resto do mundo, mas mudar a sua natureza; substituindo o papel auxiliar da África utensílio, por um papel de sujeito participando activamente na confecção e na realização do cenário de amanhã.

A que preço pode ser provocada esta mutação qualitativa? Por um lado, parece que seria necessário mover montanhas. Por outro, basta um punhado de ideias claras e justas e um punhado de mulheres e homens decididos a fazerem-se vectores de uma paixão mais

preciosa do que o ouro e mais perdurável do que o diamante: o imperativo da dignidade para os povos africanos, na solidariedade e na co-responsabilidade com os outros povos do mundo. Um sábio da antiguidade disse-o: “Dêem-me uma alavanca e eu levantarei o mundo”. Neste caso, a alavanca são algumas centenas de militantes como Ahmadou Abdoullahi Dicko”.

Onde está o “sábio” e onde está o “político” nesta análise e nestas propostas? Joseph Ki-Zerbo foi um pesquisador em ciências sociais e humanas que encontrou e publicou muito. Tornou-se naquilo em que todo o pesquisador quer ser: um sábio. Eu tam-

bém tenho a mesma profissão, sabendo sempre que ele é que é o mestre. No terreno político, onde ele escolheu “a reforma” e eu “a revolução”. São duas escolhas inconciliáveis. Então, adeus Mestre!

Nota

Weber, M., 1959, *Le savant et le politique*, Paris: Plon.

Referências

Bâ, A. H. 1996, *Oui, mon Commandant !* Paris : Actes Sud Babel.

Dicko, A. A., 1992, *Journal d'une défaite*, Paris : L'Harmattan & Dag Hammarskjöld Foundation.

Dieng, A. A., 2003, *Les premiers pas de la Fédération des Étudiants d'Afrique Noire en France (FEANF). De l'Union Française à Bandoung (1950-1955)*, Paris : L'Harmattan.

Guirma, F. F., 1991, *Comment perdre le pouvoir ? Le cas de Maurice Yaméogo*, Paris : Afrique contemporain.

Ki-Zerbo, J., 2003, *À quand l'Afrique ?*, Entretien avec René Holenstein, La Tour d'Aigues F-84240 : Éditions de l'Aube (Diffusion Seuil) ; Genève : Éditions d'en bas.

Mesmer, P., 1998, *Les Blancs s'en vont*, Paris : Albin Michel.

Weber, M., 1959, *Le savant et le politique*, Paris : Plon.